

CRER PARA COMPREENDER

A LÂMINA DE OURO

Zacarias 9, a marcha de 332 pela costa, a lenda de Josefo sobre o conquistador que se curvou diante do Nome, a mesma história contada pelos rabinos com outro sacerdote, e o rei que entrou na cidade montado num jumento

D. G. DE SOUZA

HAC-S04-002

Antes de começar

Quem é quem

Neste fascículo

I	As cruzes na praia
II	O que os historiadores viram
III	A cidade de branco
IV	A mesma história com outro sacerdote
V	A lenda posta à prova
VI	O que Zacarias viu
VII	O rei que vem num jumento

Capítulo I

As cruzes na praia

No verão de 332 antes de Cristo, dois mil homens ficaram pendurados em cruzes ao longo da praia de Tiro, na costa da Fenícia. Eram tírios, gente da cidade que tinha fechado as portas a Alexandre, o rei da Macedônia. Quem guardou a cena foi Quinto Cúrcio, um historiador romano do século I depois de Cristo: depois de sete meses de cerco, a fúria de matar "se cansou" em dois mil, e esses, "pregados em cruzes, ficaram pendurados ao longo de um grande trecho da praia". Atrás deles subia a fumaça das casas, porque o rei tinha mandado "lançar fogo" à cidade. Os números mudam de um

historiador para outro, e só Cúrcio fala de cruzes; mas todos concordam que Tiro resistiu e foi destruída.[1]

No mesmo verão, Alexandre subiu ao templo do deus de Tiro, que os gregos chamavam Héracles e os fenícios, Melcarte. Meses antes, tinha pedido licença para sacrificar ali, e os tírios tinham decidido "não receber na cidade nem persa nem macedônio". Agora ele sacrificou, desfilou com o exército e a frota, e dedicou no templo a máquina que tinha abalado a muralha. É Arriano, que escreveu no século II depois de Cristo a partir de oficiais da campanha, quem registra o detalhe e a data: julho ou agosto de 332.[2]

Em números

7 meses — *de cerco a Tiro, segundo Diodoro, Plutarco, Quinto Cúrcio e também Josefo; o cerco de Gaza, logo depois, levou mais dois*

Uma carta para as montanhas

Mais ao sul, nas montanhas da Judeia, havia uma cidade pequena que pagava tributo ao rei da Pérsia e tinha no centro um templo e um sumo sacerdote. Segundo um historiador judeu, ela recebeu uma carta de Alexandre durante aquele mesmo cerco.

Josefo, *Antiguidades judaicas* 11.317

Ἀλέξανδρος δ' εἰς Συρίαν παραγενόμενος Δαμασκὸν αἱρεῖ καὶ Σιδῶνος κρατήσας ἐπολιόρκει Τύρον, ἠξίου τε ἀποστείλας γράμματα πρὸς τὸν τῶν Ἰουδαίων ἀρχιερέα συμμαχίαν τε αὐτῷ πέμπειν καὶ ἀγορὰν τῷ στρατεύματι παρασχεῖν καὶ ὅσα Δαρείῳ πρότερον ἐτέλουν δῶρα τούτῳ διδόναι

"Alexandre, chegando à Síria, toma Damasco e, senhor de Sidom, sitiava Tiro; e, enviando cartas ao sumo sacerdote dos judeus, pedia que lhe mandasse tropas auxiliares, que fornecesse mercado ao exército e que lhe desse os presentes que antes pagavam a Dario."

O sumo sacerdote se chamava Jadua. A resposta dele, na versão de Josefo, foi curta: tinha jurado a Dario não levantar armas contra ele, e não violaria o juramento "enquanto Dario estivesse entre os vivos". Alexandre "se irritou" e ameaçou marchar contra o sumo sacerdote "e ensinar a todos a quem devem guardar os juramentos".[3]

Josefo é exato num ponto: na resposta de Jadua, Dario continua vivo. Como vimos no capítulo sobre Daniel 8, a vitória de Isso abriu a Alexandre o caminho da costa, mas o império persa só caiu em Gaugamela, em outubro de 331. Em 332, um sumo sacerdote prudente ainda podia apostar que o persa voltaria.

Quem conta, e quando

Josefo era um sacerdote de Jerusalém que lutou contra Roma na guerra de 66, passou para o lado romano e escreveu as *Antiguidades judaicas* em Roma, em 93 ou 94 depois de Cristo. Entre a carta de Alexandre e a pena de Josefo há mais de 420 anos, e ele não diz de onde tirou a história.

O que ele conta em seguida é uma das histórias mais famosas da memória judaica: Alexandre sobe a Jerusalém para castigar a cidade, vê o sumo sacerdote

nas vestes sagradas, se prostra diante do nome de Deus e poupa a cidade. E há, na Bíblia, um capítulo em que um conquistador desce pela costa, de Damasco a Tiro e de Tiro a Gaza, e Deus promete acampar junto da sua casa para que o opressor não passe. É o capítulo 9 de Zacarias.

A pergunta deste fascículo tem duas metades. A primeira é de historiador: se Alexandre de fato poupou Jerusalém e se o encontro com o sumo sacerdote aconteceu. A segunda é de leitor da Bíblia: se a profecia de Zacarias 9 se cumpriu na marcha de 332, e o que o capítulo diz quando chega ao fim.

---

1. Quinto Cúrcio, *História de Alexandre* 4.4.13 e 4.4.15-17, no latim da edição de Hedicke. Arriano, *Anábase* 2.24.4-5, dá cerca de 8 mil mortos e 30 mil vendidos; Diodoro, *Biblioteca histórica* 17.46.3-4, mais de 7 mil mortos e 2 mil jovens "pendurados". Os textos bíblicos deste fascículo são traduções do autor, a partir do hebraico massorético (Sefaria), da Septuaginta (Rahlfs) e do SBL Greek New Testament.
2. Arriano, *Anábase* 2.15.7-2.16.7 e 2.24.6 (no mês de Hecatombeão, "sob o arconte Niceto em Atenas"). A duração: Diodoro 17.46.5; Plutarco, *Alexandre* 24.3; Cúrcio 4.4.19; Josefo, *Antiguidades* 11.325. Gaza: Diodoro 17.48.7.
3. Josefo, *Antiguidades judaicas* 11.317-319, no grego da edição de B. Niese; em português, *História dos Hebreus* (CPAD). Isso e Gaugamela: fascículo *Daniel previu Alexandre ou foi escrito depois?* (HAC-S04-001).

Capítulo II

O que os historiadores viram

Tiro era uma ilha, a menos de um quilômetro da costa, "fortificada por todos os lados com muralhas altas", nas palavras de Arriano. Alexandre decidiu tirar a água do caminho e mandou "fazer um aterro da terra firme até a cidade". Diodoro conta que, para ter pedra, ele demoliu "a chamada Tiro velha", a parte da cidade em terra firme, e fez um

molhe de uns sessenta metros de largura; Cúrcio acrescenta que a madeira vinha do Líbano. Os tírios lançaram contra o molhe um navio em chamas que incendiou as torres de assalto. Alexandre recomeçou. Quando a cidade caiu, o fogo mudou de lado.[1]



A antiga Tiro vista do istmo de areia que, com os séculos, se acumulou sobre o molhe de Alexandre e uniu a ilha à costa: o aterro que venceu a cidade pelo mar ainda se vê no desenho. David Roberts, 1839 (domínio público).

David Roberts, 1839, Cleveland Museum of Art (CC0)

Gaza

Depois de Tiro, o caminho do Egito passava por Gaza. Arriano escreve aqui uma frase que vai pesar muito neste fascículo: "o resto da chamada Síria Palestina já tinha passado para o lado dele; mas um eunuco de nome Bátis, que governava a cidade de Gaza, não se submeteu". O cerco levou dois meses. Um

dardo de catapulta atravessou o escudo e a couraça de Alexandre e o feriu no ombro. Tomada a cidade, os homens de Gaza morreram combatendo, e mulheres e crianças foram vendidas como escravas.

Quinto Cúrcio conta um final que Arriano não conta. Bátis, levado vivo ao rei, o encarou em silêncio, e Alexandre mandou passar-lhe correias pelos calcanhares e arrastá-lo atrás de um carro em volta da cidade, "gloriando-se de ter imitado Aquiles". É fonte única; pode ter acontecido, mas não se pode garantir. De Gaza, diz Arriano, Alexandre chegou "no sétimo dia" a Pelúsio, a porta do Egito, que se entregou sem luta.[2]



Gaza vista das colinas, a cidade que resistiu dois meses depois de Tiro e cujo governador, Bátis, foi arrastado em volta das muralhas. David Roberts, 1839 (domínio público).

David Roberts, 1839, Cleveland Museum of Art (CC0)

O nome que falta

Arriano, Diodoro, Plutarco e Cúrcio descrevem Tiro e Gaza com números, presságios, feridas e mortos. Nenhum deles menciona Jerusalém, os judeus, a Judeia ou um sumo sacerdote. Para Arriano, a Síria Palestina inteira, onde a Judeia era uma província pequena, já estava do lado de Alexandre antes de Gaza, sem história que merecesse registro.

Em números

4 historiadores *de Alexandre contam os cercos de Tiro e de Gaza: Arriano, Diodoro, Plutarco e Quinto Cúrcio. Nenhum fala de Jerusalém*

O silêncio pesa, mas sozinho não prova nada. Essas fontes também calam sobre cidades da costa que se renderam sem combate, como Asquelom e Asdode. A pergunta sobre Jerusalém se decide pelo conteúdo da história de Josefo, como se verá.

Um profeta sobre o mesmo mapa

Quem lê essas páginas com a Bíblia aberta ouve outro texto por baixo. Zacarias 9 começa no norte: "a palavra do SENHOR está contra a terra de Hadraque, e Damasco é o seu lugar de pouso", e depois "Hamate", "Tiro e Sidom". E para em Tiro com um jogo de palavras: Tiro, em hebraico, é *Tsor*; fortaleza é *matsor*.

Zacarias 9:3-4

וַתִּבֶן צֹר מָצוֹר לָהּ וַתִּצְבָּר־כֶּסֶף כָּעָפָר וְחָרוּץ כְּטִיט חוּצוֹת׃ הִנֵּה אֲדֹנָי יוֹרִשֶׁנָּה וְהִכָּה בַיָּם חֵילָהּ וְהִיא בָּאֵשׁ תֵּאָכֵל׃

"E Tiro construiu para si uma fortaleza, e amontoou prata como pó, e ouro fino como a lama das ruas. Eis que o Senhor a despojará, e ferirá no mar a sua força, e ela será devorada pelo fogo."

Oráculo (*massá*)

A palavra que abre Zacarias 9:1, Zacarias 12:1 e Malaquias 1:1 vem do verbo "levantar, carregar": "carga, peso", ou "pronunciamento solene". Calvino preferia "peso": a palavra de Deus cai sobre a Síria como uma carga que ela não consegue sacudir.

"Ferirá no mar a sua força" se encaixa no molhe que venceu Tiro pelo mar. Calvino, comentando Zacarias no século XVI, viu isso: o mar era para Tiro "uma muralha tripla", mas Alexandre "aterrou uma parte do mar, de modo que Tiro deixou de ser ilha". É o único lugar das suas preleções sobre 9:1-8 em que ele nomeia Alexandre.[3]

O texto desce até a Filístia: Asquelom "verá e terá medo", Gaza "se contorcerá muito", "o rei desaparecerá de Gaza". E então faz uma curva para dentro, para as montanhas.

Zacarias 9:8

וְחָנִיתִי לְבֵיתִי מִצָּבָא מֵעֹבֵר וּמִשָּׁב וְלֹא־יַעֲבֹר עֲלֵיהֶם עוֹד נֹגֵשׂ כִּי עַתָּה רָאִיתִי בְעֵינָי׃

"E acamparei junto à minha casa contra um exército, contra quem passa e contra quem volta; e não passará mais sobre eles o opressor, porque agora eu vi com os meus olhos."

Os historiadores gregos contam um exército que passou pela costa e não subiu a Jerusalém. Josefo conta que subiu, sim, e que foi detido nas portas por um sumo sacerdote vestido de jacinto e ouro.

---

1. Arriano, *Anábase* 2.18.2-3; Diodoro 17.40.4-5 (quatro estádios da costa; molhe de dois pletros); Quinto Cúrcio 4.2.18 e 4.3.3-6.
2. Arriano 2.25.4 (προσκεχωρηκότα ἤδη, "já tinha passado"), 2.26.4-2.27.7 e 3.1.1-2; Plutarco, *Alexandre* 25.3-4; Cúrcio 4.6.25-29 e 4.7.2. Cúrcio chama o governador de Betis; Josefo (*Antiguidades* 11.320), de Babemésis.
3. Zacarias 9:1-8, no hebraico massorético. João Calvino, *Comentários sobre os Profetas Menores*, preleções 151 e 152, na tradução inglesa de John Owen (1849), vol. 5, com os lemas latinos.

Capítulo III

A cidade de branco

Na versão de Josefo, quando Alexandre tomou Gaza e "se apressava a subir à cidade dos jerosolimitas", o sumo sacerdote Jadua "estava em agonia e medo". Mandou o povo fazer súplicas, ofereceu sacrifício, pediu a Deus que "estendesse o escudo sobre a nação" e adormeceu.

Josefo, *Antiguidades judaicas* 11.327

κατακοιμηθέντι δὲ μετὰ τὴν θυσίαν ἐχρημάτισεν αὐτῷ κατὰ τοὺς ὕπνους ὁ θεὸς θαρρεῖν καὶ στεφανοῦντας τὴν πόλιν ἀνοίγειν τὰς πύλας, καὶ τοὺς μὲν ἄλλους λευκαῖς ἐσθῆσιν, αὐτὸν δὲ μετὰ τῶν ἱερέων ταῖς νομίμοις στολαῖς ποιεῖσθαι τὴν ὑπάντησιν

"Tendo adormecido depois do sacrifício, Deus lhe respondeu em sonho: que tivesse coragem e, coroando a cidade, abrisse as portas; que os outros fossem de vestes brancas, e ele com os sacerdotes nas vestes da Lei, fizessem o encontro, sem esperar sofrer mal algum, pois Deus cuidava deles."

O sonho não manda pegar em armas. Manda coroar a cidade com guirlandas, abrir as portas e sair ao encontro do inimigo vestido para o culto. É o contrário do que Tiro tinha feito: Tiro fechou as portas e foi destruída; Jerusalém, na lenda, as abre e é honrada. Se quem compôs a história pensou nesse espelho, não se pode provar; o contraste está nas fontes.[1]

Um segundo fio: Samaria

A história tem um segundo fio. Jadua tinha um irmão, Manassés, casado com Nicaso, filha de Sambalate, o governador persa de Samaria. Os anciãos de Jerusalém exigiram que ele se divorciasse ou não se aproximasse do altar. Sambalate prometeu ao genro um templo igual ao de Jerusalém no monte Gerizim. Depois de Isso, durante o cerco de Tiro, Sambalate trocou de lado, levou oito mil homens a Alexandre e ganhou a licença para o templo, com o argumento de que convinha ao rei ter a força dos judeus "dividida em duas". Os dois fios fazem um contraste: em Samaria, um governador troca de rei quando o vento muda; em Jerusalém, um sumo sacerdote guarda o juramento ao rei derrotado.[2]

A prostração diante do Nome

Jadua saiu ao encontro do rei até um lugar chamado Safin, nome que, explica Josefo, quer dizer "vigia" em grego, "pois de lá se avistavam Jerusalém e o Templo". É provavelmente o atual monte Scopus, ao norte da cidade, mas a identificação não é certa. Os fenícios e os caldeus que seguiam Alexandre esperavam saquear a cidade e torturar o sumo sacerdote. "Aconteceu o contrário."



Jadua, de mitra, sai com os sacerdotes ao encontro de Alexandre fora de Jerusalém, e o rei se adianta sozinho, deixando o exército para trás, como na cena de Safin. Maarten de Vos, 1586 (domínio público).

Maarten de Vos, 1586, Bibliothèque nationale de France (domínio público)

Josefo, *Antiguidades judaicas* 11.331

ὁ γὰρ Ἀλέξανδρος ἔτι πόρρωθεν ἰδὼν τὸ μὲν πλῆθος ἐν ταῖς λευκαῖς ἐσθῆσιν, τοὺς δὲ ἱερεῖς προεστῶτας ἐν ταῖς βυσσίναις αὐτῶν, τὸν δὲ ἀρχιερέα ἐν τῇ ὑακινθίνῳ καὶ διαχρύσῳ στολῇ καὶ ἐπὶ τῆς κεφαλῆς ἔχοντα τὴν κίδαριν καὶ τὸ χρυσοῦν ἐπ' αὐτῆς ἔλασμα, ᾧ τὸ τοῦ θεοῦ ἐγέγραπτο ὄνομα, προσελθὼν μόνος προσεκύνησεν τὸ ὄνομα καὶ τὸν ἀρχιερέα πρῶτος ἠσπάσατο.

"Pois Alexandre, vendo ainda de longe a multidão em vestes brancas, os sacerdotes à frente nas suas vestes de linho fino, e o sumo sacerdote na veste cor de jacinto e bordada de ouro, tendo na cabeça a tiara e sobre ela a lâmina de ouro em que estava escrito o nome de Deus, aproximou-se sozinho, prostrou-se diante do Nome e foi o primeiro a saudar o sumo sacerdote."

A lâmina de ouro

O tsits, a placa de ouro presa à tiara do sumo sacerdote, na testa, com a inscrição "Santo para o SENHOR" (Êxodo 28:36-38). Josefo diz apenas que nela "estava escrito o nome de Deus".



Alexandre de joelhos diante do sumo sacerdote de tiara, a prostração que Josefo diz ter sido diante do Nome escrito na lâmina de ouro, não diante do homem. Mestre IRs, c. 1540-1545 (domínio público).

Mestre IRs, c. 1540-1545, Cleveland Museum of Art (CC0)

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S04-002

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *A lâmina de ouro*. O fascículo inteiro tem 48 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender